



Fórum Social

MUNDIAL



Movimentos sociais vão às ruas em abertura do evento, em Porto Alegre

**CATRACA LIVRE
MARCA MANIFESTAÇÃO
CONTRA AUMENTO DA
TARIFA**

pg. 2

**MAIS DE
50 DIAS DE
GREVE NA
CEMIG**

pg. 2

**A VOLTA DA
PRIVATIZAÇÃO
NO SETOR
ELÉTRICO**

pg. 2-3



TRIBUNA LIVRE

CATRACA LIVRE MARCA ATO CONTRA AUMENTO DA TARIFA

por Pedro Stropasolas

Foto: Coletivo Marum



Na última quinta-feira (14), quem circulava pelo centro de Florianópolis no fim de tarde assistiu à primeira manifestação do ano contra o aumento da tarifa do transporte coletivo. A mobilização teve início por volta das 17h, em frente ao Terminal de Integração do Centro (Ticen). Debaixo de chuva, um grupo majoritariamente jovem tomou ruas do centro da cidade, sempre acompanhado por um forte esquema policial. De volta ao TICEN, já depois das 18h, os manifestantes se concentraram em frente às catracas das plataformas A e B e incentivaram os usuários a entrarem no terminam sem pagar a passagem.

A cada salto sobre a catraca, o corredor de manifestantes entoava urros de aprovação. No final do ato ocorria o catraço, momento da manifestação em que os usuários do transporte público são convidados a não pagar a passagem. Há 11 dias, em Florianópolis ficara mais cara: R\$ 3,50 em dinheiro e R\$ 3,34 no cartão. Considerando os últimos 18 meses, o aumento na tarifa do cartão foi de 29,45%, quinze pontos a mais do que a inflação (INPC) acumulada no período.

Quando assumiu a operação do Sistema Integrado de Mobilidade (SIM), em licitação lançada pela Prefeitura no fim de 2014, o Consórcio Fênix - formado pelas empresas Transol (36,03%), Canasvieiras (29,32%), Insular (20,69%), Estrela (8,63%) e Emflotur (5,30%) - prometera compensar o contrato de R\$ 122,4 milhões e duração de vinte anos com 132 novos horários. O intuito era suprir a necessidade de melhoria na locomoção de aproximadamente 220 mil usuários diários, que vivem na cidade

com o segundo pior índice de mobilidade urbana do mundo, segundo estudo elaborado pelo pesquisador da Universidade de Brasília (UnB) Valério Medeiros. Mas o resultado foi muito abaixo do esperado: ônibus lotados, cortes de linha e horários, aumento no tempo de espera nos pontos, além do aumento abusivo da tarifa.

Convocada pelo Movimento Passe Livre (MPL) no dia 5 deste mês, a Frente de Luta pelo Transporte (FLT) lançou uma proposta para conscientizar e convocar a população para os atos contra o reajuste tarifário na região. Intitulada "O que você vai deixar de fazer por causa do aumento?", a FLT vem combatendo o aumento da tarifa pelo prefeito César Souza Junior (PSD), através de uma campanha gráfica que compara de qual forma o novo preço da passagem irá influenciar a vida das famílias de trabalhadores. A comparação, que leva em consideração o período de um único mês e supõe que o cidadão tome condução duas vezes ao dia, mostra que o acréscimo de R\$ 0,40 centavos equivale a 60 pães de trigo a menos na cota mensal do trabalhador, ou em outra visão, doze litros de leite a menos.

Como continuidade da luta por um transporte público mais digno, o MPL está organizando um ato para a próxima sexta-feira (22), em frente ao Largo da Alfândega, no centro de Florianópolis. Com o nome E aí Prefeito? (i) mobilidade e transporte público de Florianópolis, a ideia é convocar o prefeito para debater junto à população a situação agravante do transporte na capital catarinense.

Pedro Stropasolas é estudante de jornalismo e estagiário do Sinergia

SETOR ELÉTRICO

A VOLTA DA PRIVATIZAÇÃO

Movimentos sociais e sindicais se manifestam contra privatizações no setor elétrico

A privatização no setor elétrico voltou a ser uma ameaça real. Se antes ela era apenas comentada por saudosistas que lucraram com a venda do patrimônio público desde a década de 90, agora é o próprio Governo Federal que vem dando indícios de que encaminhará uma onda de privatizações no setor. Após o setor privado ter ganho a concessão de diversas distribuidoras, precarizado condições de trabalho e prestado um péssimo serviço à população, embolsando os lucros e quebrando empresas, a Eletrobras incorporou 7 distribuidoras de energia que hoje são alvo de privatização. A mais próxima e comentada é a CELG (GO), que deve ser laboratório para o governo privatizar as demais distribuidoras da eletrobras. O próprio presidente da Eletrobras, José da Costa de Carvalho Neto, tem afirmado que a Eletrobras deve se restringir à transmissão e geração de energia e que o setor privado pode dar um "ganho de qualidade" na prestação de serviço à população. Além da privatização das distribuidoras, paira também a incerteza sobre uma possível abertura de capital de Furnas, o que tornaria a empresa também suscetível à privatização.

Para lutar contra esta retomada neoliberal e defender o patrimônio público, movimentos sociais e sindicais organizaram no dia 12 uma manifestação na sede do Ministério de Minas e Energia, em Brasília, onde foram recebidos pelo ministro chefe em exercício da Secretaria de Governo da Presidência da República, Luiz Azevedo. Deste encontro foi formalizada uma reunião com o Ministro da Casa Civil, Jacques Wagner, realizada nesta terça-feira, dia 19. O Ministro afirmou que o governo está se movimentando para resgatar sua plataforma de campanha, que não incluía a privatização de empresas públicas. Como alternativa para manter a viabilidade econômica das empresas sem privatizar, os movimentos sociais propuseram aos ministros a criação de uma holding de distribuição, ligada diretamente ao Ministério de Minas e Energia, com regras de funcionamento que possibilitem a blindagem das empresas públicas de interesses político-partidárias. A ideia é unificar as distribuidoras do sistema Eletrobras, de modo a agilizar a gestão dos recursos e a fiscalização.

Um novo ato contra a privatização das distribuidoras de energia elétrica foi marcado para o próximo dia 27, em sete estados em que as empresas públicas do setor correm o risco de serem repassadas para a iniciativa privada.



"O Ministro Jacques Wagner afirmou que o Governo está se movimentando para resgatar sua plataforma de campanha, que não incluía a privatização de empresas públicas"

CEMIG

MAIS DE 50 DIAS DE GREVE NA CEMIG

Retirada de direitos e PLR motivam luta dos trabalhadores



Nesta semana os trabalhadores da Cemig ultrapassaram os 50 dias de greve. Lutando contra uma proposta rebaixada de Participação nos Lucros e Resultados (PLR) e contra o corte de direitos históricos, os trabalhadores também estão protestando contra a terceirização e cobrando do governo estadual uma solução para o alarmante número de acidentes de trabalho com morte na estatal.

A cada 45 dias um trabalhador terceirizado morre na Cemig, demonstrando que a terceirização é insustentável. O governo atual se comprometeu, durante a campanha, a erradicar a terceirização, mas depois de 1 ano de mandato não encaminhou medidas que sustentem suas promessas.

Os sindicatos da Intercel e da Intersul se solidarizam com os trabalhadores da Cemig, apoiando sua luta por condições de trabalho e remuneração justas. Força aos companheiros!

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

MOVIMENTOS SOCIAIS VÃO ÀS RUAS NA ABERTURA DO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, EM PORTO ALEGRE

por Eduardo Sá e Paulo Branco

Começou na tarde desta terça-feira (19/01), em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, o Fórum Social Mundial. Na abertura houve uma ampla marcha em torno do Largo Zumbi dos Palmares, no centro da capital, que reuniu em torno de cinco mil pessoas. Uma diversidade de temas destacaram-se: Não ao golpe a Dilma Rousseff, Fora Cunha, legalização da maconha, movimento pelo direito das mulheres, movimento contra o aumento das passagens, movimento dos sem-teto e o movimento indígena, que luta pela demarcação de terras. Com o tema Paz, Democracia e Direito dos Povos, haverá diversos debates, shows e outras atividades temáticas simultâneas, que visam catalisar e unificar os participantes a promoverem uma luta por um mundo melhor.

Apesar do clima próspero, havia uma grande turbulência e discussão entre os participantes com relação ao golpe contra Dilma Rousseff. Segundo alguns envolvidos, depois de algumas derrotas por vias eleitorais e outras por meios golpistas de governos da América Latina, a preocupação com a democracia no Brasil parece destacar-se entre todos.

Raul Carrion, presidente da Fundação Grabois do Rio Grande do Sul e integrante do Comitê Local do Fórum Mundial So-

cial, destacou a luta contra o imperialismo americano que vem de forma silenciosa acobertando e fortalecendo a direita por toda a América Latina.

"O lema do fórum deixa claro para o que veio: paz frente a essas guerras causadas pela Otan e EUA. Democracia, que está sendo atingida em vários países. Direitos dos povos, civis e trabalhistas, e principalmente sobre a terra que está sendo destruída pelo capital. O grande sentimento unificador é a defesa da democracia, e fazer entender que a ditadura não vêm só pelas armas", alertou.

Outro que marcou presença no primeiro dia foi o ministro do Trabalho e Previdência Social, Miguel Rossetto, lembrando que o evento comemora 15 anos de encontros e reencontros: "Uma reafirmação clara de compromissos claros. São mais de 60 países conosco. Lutamos há muito mais tempo, mas o Fórum de 2001 marca uma nova referência política. Teve a presença do nosso companheiro Hugo Chávez, e mudamos o mundo e o país. Construímos novos espaços democráticos com inclusão social. São esperanças e lutas que se renovam. Buscamos mais democracia e mais justiça, outro mundo é possível", afirmou.

CUTUCADAS CELESC

ESTAMOS DE OLHO!

A conquista do Lote C no leilão organizado pelo Governo Federal no ano passado foi uma grande vitória da Celesc. Com ela, 5 usinas da Celesc Geração permaneceram públicas, sob o controle do Estado. Foi um trabalho árduo dos técnicos da empresa, com direito a embates no Conselho de Administração contra os minoritários, mas, no fim das contas, as usinas permanecem como patrimônio do povo catarinense.

Então agora, depois de tanto trabalho, luta e sucesso, um boato que roda a Administração Central traz preocupação e perplexidade. Dizem pelos corredores que há um estudo para transformar as usinas com a concessão renovada em Sociedades de Propósito Específico (SPE's) onde o governo ficaria apenas com 49% das ações, privatizando a geração!

Estamos em busca de informações, mas deixamos claro que somos contrários à qualquer tipo de privatização do patrimônio catarinense! O Governo do Estado tem defendido sempre a Celesc Pública. Então de onde vem este "estudo"? É do próprio Governo ou há algum ruído na linha? Estamos de olho!



LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricistas de SC
Jornalista responsável: Paulo G. Horn (SRTE/SC 3489)
Conselho Editorial: Amílcar Colombo
Rua Max Collin, 2368, Joinville, SC | CEP 89216-000 |
(047) 3028-2161 | E-mail: sindesc@terra.com.br
As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.



O gato, a lebre e o capitalismo

por Flávio Cruz

"Uma das facetas mais salientes e fantásticas do capitalismo é a de vender gato por lebre. Faz parte intrínseca de seu modo de funcionar, estabelecer espaços de cooptação, gerenciar tempos de funções e tarefas, bem como dominar o modo de pensar e viver das pessoas, famílias, empresas e países"

O capitalismo toma conta do mundo sob o guarda-chuva colorido e reluzente da globalização. Mesmo nos países onde ele ainda não é incipiente, as relações econômicas estabelecidas com os países centrais têm de ser realizadas desde a mesma orientação, cláusulas e condições. Caso contrário não há negócios ou transações. Como um vírus ele, o capitalismo, e ela, a globalização, penetram o sistema econômico tal qual no sistema orgânico das pessoas. Por lá ele se expande, às vezes infecciona, outras provoca metástase, enquanto na maioria das vezes reside ali, procria, infesta, subjuga e domina o paciente.

Por certo que antes do capitalismo se estabelecer mundo afora, começando pela Inglaterra e vizinhos durante e após a Revolução Industrial, já havia o domínio das relações mercantis, sob o manto do mercantilismo, nos países conhecidos, e mais tarde naqueles ainda não descobertos, como o Brasil, ou colonizados como a África quase inteira. O mercantilismo já era uma forma primária e pobre do capitalismo, mas já se valia da hegemonia das nações mais desenvolvidas para estabelecer os termos de seus contratos de negócios e transações. Assim, por certo, o capitalismo aprendeu a ler e escrever com o mercantilismo. Pós-graduou-se anos após.

Uma das facetas mais salientes e fantásticas do capitalismo é a de vender gato por lebre. Faz parte intrínseca de seu modo de funcionar, estabelecer espaços de cooptação, gerenciar tempos de funções e tarefas, bem como dominar o modo de pensar e viver das pessoas, famílias, empresas e países. Vale-se do glamour do consumismo para embelezar vitrines, marketing em jornais, revistas, panfletos e sites, cujos produtos servem à beleza, ao fitness, a grifes de roupas e demais utensílios pessoais, aos melhores carros, imóveis, hotéis, excursões, entre outros. O toque de beleza, sucesso, perfeição, eficiência e paraíso penetra fundo ao desejo, à aparência e à vontade de estar sempre na moda e na ordem do dia do prazer e da satisfação pessoal e social. Poucos os que resistem a tanta pressão diária, semanal, mensal e anual. Vira um comportamento natural, embora totalmente fabricado e artificial.

Lembro-me de meu primeiro carro, um Ford 1951, que um dia bateu contra o muro de minha casa. O muro foi seriamente danificado, enquanto o para-choque apresentou um leve arranhão. A tecnologia da lataria atual, vendida como a mais completa, poderosa, o top da qualidade, não resiste a uma leve batida, quiçá um empurrão ou pressão mais forte. Pois é essa tecnologia automotiva que é vendida no mundo globalizado como a mais evoluída e segura de todos os tempos. É essa característica do capitalismo que chama mais a atenção de seu furor de se expandir mais e mais e de dominar os mercados por todos os meios e fins possíveis. Ele doura a pílula para que os pacientes, sim, todos nós, comprem suas maravilhas de consumo, mesmo a preços muitas vezes incompatíveis com os produtos e/ou inacessíveis aos bolsos.

De toda sorte, não há alternativa ou saída, ou compra-se ou não se compra. Não há outro fornecedor, nem diferenciado, pois todos os outros fazem parte da ordem e rede capitalista de produção. Essa característica, a que o velho Marx deu o nome de fetiche da mercadoria, é a marca registrada do capitalismo, ao qual a globalização lhe serve bem como a vitrine mundial de seus produtos e serviços. Um exemplo há tempos vendido pelos governos a nós contribuintes vale para destacar o fetiche. Nesse caso não de produto mas de ideias. Ou como vender gato por lebre por meio de iluminados economistas, incansáveis parlamentares cooptados e governos comprometidos ou acuados, às custas dos contribuintes, incautos cidadãos, pessoas comuns como todos nós.

Antes uma breve recordação. Franklin Delano Roosevelt conseguiu tirar os EUA da crise de 1929 com seu programa de recuperação da economia via investimentos

em infraestrutura. O chamado "New Deal". A partir daí o "Welfare State", o Estado do Bem Estar Social, toma forma e é adotado pelos demais países europeus. Após a 2ª Guerra Mundial, em julho de 1944, 45 países aliados assinaram o Acordo de Bretton Woods onde estabelecem um sistema para gerenciar as relações comerciais e financeiras internacionais dos países então mais industrializados. Se o New Deal serviu para mostrar ao mundo como enfrentar uma crise através de programas direcionados de investimentos, readmitindo empregados, Bretton Woods serviu para estabelecer o poder do dinheiro através da equiparação de moedas nas relações de comércio e de capitais.

O mundo de hoje esqueceu o New Deal e Bretton Woods. Neste, não é mais o padrão-ouro que vigora, mas o padrão dólar. New Deal nem pensar. Diria minha avó que é Deus no céu e o dinheiro na terra. Os iluminados economistas austeros, seguidores das ideias de Margareth Thatcher e Ronald Reagan, nos vendem gato por lebre ao defenderem enxugar o setor público e os salários para sobrar dinheiro para projetos que eles acham mais importantes e para pagar os títulos públicos comprados pelos bancos. Além de sempre salva-los quando entram em bancarrota por infrações e maus negócios realizados.

Mas vamos ao exemplo. Denise Gentil, professora e pesquisadora do Instituto de Economia da UFRJ, mostrou o gato vendido por lebre em sua tese de doutorado sobre a previdência social há dez anos atrás. Arguiu que a alardeada crise da previdência era, de fato, uma falsa crise. O que estava por trás da falsidade: Thatcher e Reagan trouxeram à cena a substituição do estado do bem estar social, onde o desenvolvimento econômico e a distribuição de renda eram seus pilares, pelo livre mercado onde as transações econômicas são soberanas e os direitos individuais sobrepõem aos coletivos. Enquanto aqui o estado é mínimo, lá o estado era interventor. Deste modo, em geral, a seguridade social passa de universal e solidária, baseada em princípios de redistribuição, para ser individualizada, onde cada contribuinte tem seus recolhimentos capitalizados via fundos de previdência. Aqui instituições empresam os recolhimentos, enquanto lá o estado é quem administrava o fundo social. O principal argumento usado para a substituição foi de que os custos do sistema universal da previdência causava custos crescentes pelo envelhecimento da população. Reduziu-se a razão socioeconômica dos custos crescentes à uma questão demográfica. Com isso, não há alternativa a não ser corte de direitos, redução de benefícios e aumento de impostos. Essa justificativa persiste ainda em vigor sustentando as sucessivas revisões previdenciárias. E pior, prova a pesquisadora que não há déficit na previdência, mas sim superávit. Além de nos vender gato por lebre, fazem as contas do jeito que os justifique. As contas não seguem a Constituição de 1988 (artigo 195). Elas levam em conta apenas a receita de contribuição do INSS que incide sobre a folha de pagamentos. Assim, surge o déficit. Quando, porém, se somam as demais fontes de receita da previdência, COFINS (Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social), a CSLL (Contribuição Social sobre o Lucro Líquido) e a receita de concursos e prognósticos, o superávit aparece. Isto vem acontecendo desde a mudança do regime de repartição para o de capitalização. Os recursos da COFINS, CSLL e prognósticos são usados para outros fins via DRU (Desvinculação de Receitas Tributárias).

A nova proposta do governo de alterar a idade mínima para aposentadoria deve ser enfrentada com um debate amplo e aberto sobre as contas da previdência e seguridade social sob pena de se comprar mais uma vez gato por lebre.

